



O LIRISMO NA CRÔNICA E O CASO DE ELIANE BRUM
THE LYRICISM IN THE CHRONICLE AND THE CASE OF *ELIANE BRUM*

Ana Carla da Silva Lima¹

Recebido em: 25 fev. 2019

Aceito em: 06 jul. 2019

DOI 10.26512/aguaviva.v4i3.23953

RESUMO: O espaço da crônica é, na maioria das vezes, o lugar das reflexões críticas à sociedade, utilizando como ponto de partida temas “miúdos” que são potencializados ao nível do humor, da ironia e da poesia. Poesia adentro, a problematização do lirismo na crônica foi por vezes citada em discussões teóricas, e aparece em algumas categorizações do gênero que foram propostas por críticos. Entretanto, e considerando o volume de trabalhos que já se debruçaram sobre a crônica e seus desdobramentos, entendemos que o tema tenha sido negligenciado. Por isso, o objetivo desse trabalho é apresentarmos um breve apanhado do tema a partir de textos teóricos escritos por autores como: Massaud Moisés (1982), Antonio Candido (1992), Davi Arrigucci Jr (1987), Afrânio Coutinho (1986) e Eduardo Portella (1958). Pretendemos, ainda, realizar análises-interpretativas com foco nos aspectos líricos que compõem duas crônicas da escritora Eliane Brum.

Palavras-chave: Lirismo. Crônica. Eliane Brum.

ABSTRACT: The space of the fait divers is, in most cases, the place of critical reflections to society, using as a starting point "daily" themes that are raised to the level of humor, irony and poetry. As poetry, the problematizing of lyricism in the fait divers was sometimes mentioned in theoretical discussions, and appears in some categorizations of the genre that were proposed by critics. However, considering the volume of studies that have already focused on the fait divers, we understand that the theme is distributed in a sparse way. Thus, the objective of this work is to propose a brief overview of the theme in texts by authors such as: Massaud Moisés (1982), Antonio Candido (1992), Davi Arrigucci Jr (1987), Afrânio Coutinho (1986) and Eduardo Portella (1958). We also intend to perform interpretive analyses and clarify the lyrical aspects that compose two fait divers by the writer Eliane Brum.

Keywords: Lyricism. Fait divers. *Eliane Brum*.

¹ Graduada em Letras - Português/Inglês pela Universidade Estadual do Paraná - campus de Campo Mourão. Mestranda em Letras - Estudos Literários na Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: anacsslima@gmail.com



CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Vista como um gênero despretensioso, a crônica tem sua origem na hibridez do jornalismo com a literatura, e é marcada, na maioria das vezes, pelo seu apreço por fatos do cotidiano e de estar “sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas” (CANDIDO, 1992, p. 14). Ainda tratando da conceituação do gênero, uma das definições da crônica nos é dada por Afrânio Coutinho, no texto “Ensaio e Crônica”: “Gênero literário de prosa, ao qual menos importa o assunto, em geral efêmero, do que as qualidades de estilo, a variedade, a finura e argúcia na apreciação, a graça na análise de fatos miúdos e sem importância, ou na crítica de pessoas” (COUTINHO, 2003, p. 121).

Buscando, ainda, algumas considerações teóricas, não podemos deixar de mencionar a relação intrínseca que a crônica possui com o tempo, pois do ponto de vista etimológico, a palavra é proveniente do vocábulo grego que faz alusão a tempo, “*chrónos*”, e pelo ângulo do tempo cronológico, a crônica é o gênero que reage quase imediatamente ao desenvolvimento da condição humana em relação a sociedade e a si mesmo. Ultrapassando o mero relato e junto a essa associação com a rotina comum, o espaço da crônica é o lugar das reflexões críticas à sociedade, utilizando como ponto de partida temas “miúdos” que são potencializados ao nível do humor, da ironia e da poesia.

Poesia adentro, a problematização do lirismo na crônica foi por vezes citada em discussões teóricas, e aparece em algumas categorizações do gênero que foram propostas por críticos. Apesar disso, e considerando o volume de trabalhos que já se debruçaram sobre a crônica e seus desdobramentos, e considerando o volume de trabalhos que já se debruçaram sobre a crônica e seus desdobramentos, entendemos que o tema tenha sido negligenciado. Por isso, o objetivo desse trabalho é apresentarmos um breve apanhado do tema a partir de textos teóricos escritos por autores como: Massaud Moisés, Antonio Candido, Davi Arrigucci Jr, Afrânio Coutinho e Eduardo Portella. Em seguida, tentaremos elucidar aspectos líricos que compõem crônicas da escritora Eliane Brum.

Na obra *A criação literária* (1982), Massaud Moisés dedica um capítulo exclusivo à crônica, e para o crítico: “a crônica literária oscila, por conseguinte, entre a poesia e o conto” (MOISÉS, 1982, p. 111). Além disso, em diversos momentos o autor ressalta o percurso do “eu” que pode atingir a crônica. Não é como se houvessem crônicas em que o eu fosse excluído, independente da forma que ele é construído, seja como personagem ou como eu-cronista, mas



existem crônicas em que o tema ruma a interioridade e o que fica em destaque é a subjetividade lírica.

Ainda, o autor também discorre sobre o lugar de meio termo que a crônica-poema se encontra, pois o equilíbrio entre o acontecimento comum e o lirismo fica à mercê de uma sondagem do eu, às vezes em tom confessional no trato com a linguagem. Tal trato com a linguagem é descrito por Eduardo Portella (1958) da seguinte forma, “é que, como vimos, a crônica muitas vezes se apresenta sob a forma de um poema em prosa; quando nela atuam aqueles elementos modificadores da língua provocando uma emoção lírica” (PORTELLA, 1958, p. 114).

Ainda sobre a natureza poética que a crônica pode assumir, Portella indica autores em que os “poemas em prosa” são frequentes: Rubem Braga, Carlos Drummond de Andrade e Ledo Ivo. Devido ao momento histórico de publicação dos autores mencionados por Portella, que datam da segunda metade do século XX, consideramos simbólica a ausência de nomes como Clarice Lispector, Cecília Meireles e Rachel de Queiroz, principalmente porque todas elas estavam situadas no mesmo cenário de publicação. Portanto, nos atrevemos em adicioná-las à lista.

O que encontramos em “A vida ao rés-do-chão”, de Antonio Candido, está em consonância com os apontamentos já feitos. O crítico enfatiza que o elemento lírico está ligado ao sensorial porque crônicas poéticas “entram fundo no significado dos atos e sentimento do homem” (CANDIDO, 1992, p 15).

Afrânio Coutinho apresenta em “Ensaio e crônica” uma sumarização dos tipos de crônicas, o crítico define a crônica lírica e elenca autores que a exploram da seguinte maneira:

c) a *crônica poema-em-prosa*, de conteúdo lírico, mero extravasamento da alma do artista ante o espetáculo da vida, das paisagens ou episódios para ele carregados de significado. É o caso de Álvaro Moreira, Rubem Braga, Manuel Bandeira, Ledo Ivo, Eneida e Rachel de Queiroz (COUTINHO, 1986, p. 133).

Em vista disso, o que fica evidente sobre o lirismo na crônica é que ele não é arbitrário e absoluto, ou seja, nem toda crônica é lírica em grau evidente, mas toda crônica foi construída a partir de um nível de sensibilidade do cronista – que pode ou não transparecer na linguagem. No que se refere a essa construção, Davi Arrigucci Jr afirma que:

muito próximo do evento miúdo do cotidiano, o cronista deve de algum modo driblá-lo, se não quiser naufragar agarrando ao efêmero. Buscando uma saída literária, as margens de sua terra firme são bastante imprecisas: ele pode



estender a ambiguidade à linguagem e às fronteiras do gênero, sem perder o nível de estilo adequado às pequenas coisas de que trata. Com isso, às vezes a prosa da crônica se torna lírica, como se estivesse tomada pela subjetividade de um poeta do instantâneo, que, mesmo sem abandonar o ar de conversa fiada, fosse capaz de tirar o difícil do simples, fazendo palavras banais alçarem voo (ARRIGUCCI JR, 1987, p. 55)

Dessa forma, é viável pensarmos que a linguagem de apelo sensorial é a que é capaz desse “alçar voo” e de transcender o cotidiano, e também que essa linguagem é composta por metáforas que potencializam o texto, mas mantém a simplicidade típica da crônica. Podemos, ainda, arriscar aproximar a fala de Arrigucci Jr sobre a crônica lírica de Rubem Braga a essa categoria como um todo: “estilo humilde de se desentranhar a poesia do cotidiano” (ARRIGUCCI JR, 1987, p. 65).

Para Del Pino (1980), essa categoria

trata-se daquela que, com ou sem a presença de um possível personagem, é dominada por emoção ou sentimento diretamente expresso pelo autor. Não há propriamente enredo, e o fio condutor da expressão é o sentimento ou a emoção configurados inclusive mediante imagens ou metáforas de natureza poética. Muitas delas [...] poderiam ser identificadas como poemas em prosa (DEL PINO, 1980, p. 282).

Dedicar-se ao *pathos* não faz com que o texto perca seu caráter cronístico, justamente por manter a concisão, da extensão e da linguagem. A crônica lírica proporciona um enfoque maior ao *eu*, ao mesmo tempo que lida com o trivial cotidiano e permite um texto com um teor reflexivo de maior alcance, pois torna o que era individual em um assunto de identificação comum a qualquer pessoa, ou seja, experiências particulares se transformam em emoções adaptáveis a todo leitor, que pode recriar ou atribuir a elas significados próprios. Permitindo, assim, “suportar as pressões de um mundo convencional e partir para a descoberta de horizontes novos, que são realidade e suas muitas faces novas, visões do real, diferentes daquele único olhar ao qual se está condicionado” (SÁ, 1987, p. 48-49).

Com isso, podemos considerar que o tratamento subjetivo, a linguagem sugestiva, imagens metafóricas e ótica íntima é o que torna algumas crônicas líricas. Apesar dos grandes nomes da crônica serem citados quando o tema do lirismo é abordado, poucos estudos se dedicaram à essa categoria do gênero, como foi possível observar ao pesquisarmos palavras-chaves do tema em dois dos principais bancos de dados disponíveis pela internet: o Portal de Periódicos da CAPES e a Biblioteca Digital Brasileira de Dissertações e Teses.



No Portal de Periódicos da CAPES, a pesquisa foi realizada por meio dos seguintes termos no campo de busca por assunto: crônica lírica, crônica poética, lirismo e crônica. Os dados são: 47 resultados para crônica lírica, 69 resultados para crônica poética e 31 resultados para lirismo e crônica. O mesmo método de busca foi aplicado ao site da Biblioteca Digital Brasileira de Dissertações e Teses, e os dados são: 22 resultados para crônica lírica, 03 resultados para crônica poética e 06 resultados para lirismo e crônica. O único filtro utilizado em ambas as pesquisas foi o de idioma, porque consideramos somente resultados em língua portuguesaⁱ.

Desses resultados, os autores que costumam aparecer são os já considerados canônicos: Rubem Braga, Carlos Dummond de Andrade, Ledo Ivo, Manuel Bandeira, Clarice Lispector, Rachel de Queiroz, Cecília Meireles, entre outros e outras. Em vista dos poucos estudos acerca do lirismo na crônica, o trabalho prossegue na proposta de realizar a aproximação de elementos líricos em duas crônicas de uma escritora e jornalista contemporânea: Eliane Brum.

Eliane Brum e as crônicas

A trajetória de Eliane Brum começa no jornalismo, mas perpassa o cinema e a literatura. Gaúcha de Ijuí e nascida no ano de 1966, Brum trabalhou como repórter por mais de 20 anos, publicou seis livros, roteirizou e dirigiu documentários, acumulando mais de 40 prêmios nacionais e internacionais. Atualmente, a autora é colaboradora em jornais como *El País* e *The Guardian*, além de atuar como freelancer em projetos que a coloquem em contato com populações em situação de vulnerabilidadeⁱⁱ.

Dos seis livros publicados pela autora, quatro são de não-ficção e compostos por colunas jornalísticas, os outros dois são ficcionais, um romance e uma autobiografia. Essa relação da autora com opções de categorização de sua obra é resultado da hibridez com que a escrita dela transita entre o literário e o jornalístico – traço típico da crônica. Tomemos como exemplo a sua autobiografia, intitulada *Meus desacontecimentos* (2014). A obra está categorizada como autobiografia, ou seja, um gênero que pretende documentar a vida do autor, no caso de Eliane Brum. A obra pode ser interpretada como um romance lírico, ou ainda, como crônicas reunidas, por causa da liricidade com que os elementos narrativos são apresentados e também pela separação interna da obra: os capítulos variam nos extremos, de duas linhas à dez páginas, mas podem ser lidos separadamente (por exemplo, como é o caso do romance de Graciliano Ramos, *Vidas Secas*). Essa ambiguidade pode ser estendida às outras obras de Brum. As crônicas



utilizadas na análise foram encontradas em seu site, no espaço dedicado somente para tal gênero.

Neste mesmo espaço é possível encontrarmos textos que fogem de características ditas da crônica, e se alinham ao que consideramos como conto, justamente pela disposição dos elementos narrativos e também pela sua extensão.

A linguagem lírica empregada por Eliane Brum se torna característica até em textos que, supostamente, deveriam ser mais objetivos, técnicos e informativos, como é o caso de suas colunas jornalísticas. Com isso, podemos inferir que essa seja uma peculiaridade própria da escrita de Brum, que se desdobra por toda sua produção textual.

Em um primeiro momento de observação, constatamos que o tema da escrita é o que se configura como essencial e permite que temas secundários se alinhem. Sendo assim, escolhemos como *corpus* de análise duas crônicas que possuem elementos considerados líricos e que, de algum modo, tratam da relação do eu-lírico-cronista com a escrita.

A primeira crônica é intitulada “Escrever um romance” e com o título é possível que a nossa interpretação tencione a considera-lo como um indício de que o que está por vir seja relacionado a essa experiência de escrita. O texto, como um todo, é uma espécie de confissão filosófica e metaliterária, está dividido em quatro parágrafos e é uma crônica breve. Além disso, possui metáforas e é construída com elementos simbólicos, como o mar, o sonho e a dilatação do eu por meio do texto literário ou da palavra escrita.

Num primeiro momento, a imagem do mar surge como uma “escuridão oceânica” e o eu-lírico-cronista metaforiza por meio dessa imagem um mergulho para dentro de si a fim de sair da sua superfície. Prossegue, utilizando do corpóreo para falar de assuntos filosóficos: “e choquei a barriga contra o mar nebuloso do meu inconsciente, com um estrondo que acordou o homem que dormia”. Logo, podemos estabelecer relação entre a proposta imagética do mar nesse texto com o que Chevalier apura que se refira aos possíveis sentidos atribuídos ao Mar enquanto símbolo: “símbolo da dinâmica da vida. Tudo sai do mar e tudo retorna a ele: lugar dos nascimentos, das transformações e dos renascimentos” (CHEVALIER, 2009, p. 593). Atribuindo a esse mergulho o tom de pesadelo, pois na concepção de Chevalier a imagem do subconsciente que o mar provoca surge como um monstro das profundezas. A segunda construção imagética que ganha destaque é a do sonho, que em si mesmo já é considerado “veículo e criador de símbolos” (CHEVALIER, 2009, p. 846). Assim, se foi no sonho que o eu-lírico-cronista mergulhou em si mesmo, convém interpretarmos que os elementos dos sonhos são simbólicos, bem como o corpo que exerce ações.



Em seguida, podemos ressaltar que o corpo passa por um processo de resignificação pela dor, justamente pela escolha lexical que é empregada, por exemplo: “não engolir água”, “fui puxada”, “me trituravam, mas eu não morria. Eles me mastigavam, e eu renascia”, “eu fui regurgitada na manhã”. Ademais, essas expressões que constroem o texto e o corpo do texto são apelos sensoriais, mesmo que nauseantes. A ênfase em ser puxada por dentes de tubarão, e a todo momento estar sendo “triturada” e “mastigada”, podem ser relacionadas à indicação de Chevalier quanto ao significado simbólico dos dentes, pois “o dente é um instrumento de tomada de posse, tendendo à assimilação: é a mó que esmaga para fornecer um alimento ao desejo” (CHEVALIER, 2009, p. 400). O próprio texto reforça também vínculo do lugar propício a renascimentos e transformações ser o lugar que o eu-lírico-cronista renasce dia após dia. Observemos a relação da escrita com esse processo de aprofundamento interior:

Numa tarde, eu senti as placas tectônicas se movendo dentro de mim. Era isso, afinal. Não havia como pescar a palavra e retornar à superfície. Não haveria nunca mais um fora e um dentro. Ao atravessar de volta com a palavra, eu havia perfurado a porta entre os mundos. E agora eu podia apalpar o buraco. Mas não era capaz de tapá-lo. Nunca mais seria [...] Escrevi a última palavra e me enganei que o ponto final preencheria o vão entre o fora e o dentro. Tomei uma taça de vinho e comemorei a liberdade das portas fechadas. Naquela noite, acordei gritando: Eu estou vazando! E estava. Desde então, até agora, nunca mais parei de vazar. (BRUM, 2011, *online*)

Com isso, é possível depreendermos que essa crônica é espaço de metáforas que buscam desvelar o eu, e esse eu dá indícios de ter ido resgatar internamente o fôlego da sua relação com a escrita, visto que as palavras se tornam extensão de seu corpo, sustentando, assim, evidências de sua liricidade.

A segunda crônica tem por título “Possessão de mim” e se trata do desenrolar de dependência entre o *eu* e a escrita. O título é sugestivo pois se refere ao itinerário que o eu-lírico-cronista se propõe. A partir das primeiras linhas já podemos identificar que a relação corpo-escrita se dá de maneira intrínseca: “Desde que aprendi a escrever, tenho essa certeza. As letras estão nos meus dedos. As palavras moram nas minhas unhas” (BRUM, 2011, *on-line*). Assim, podemos pensar que essa crônica mantém o padrão estabelecido pela anterior, de utilizar elementos que tornem o texto sensorial, pela razão de lidar com a fusão entre corpo e linguagem. Isto posto, é viável associarmos essa marca com o que Barthes propõe acerca da linguagem:

Linguagem é como a pele: eu esfrego minha linguagem na do outro. É como se eu tivesse palavras em vez de dedos, ou dedos nas pontas das minhas



palavras. Minha linguagem treme de desejo. A emoção deriva de um contato duplo (BARTHES, 1989, p. 64).

Nessa crônica, o vínculo entre corpo e escrita se dá como uma possessão que não é bem-vinda pelo eu-lírico-cronista. Essa extensão proposta pode ser verificada pelas metáforas utilizadas, que recorrem a imagens negativas sobre a escrita: “horrendo”, “vermes-palavras”, e carne apodrecida pois: “Para escrever preciso antes apodrecer a carne dos dedos. Elas então saem de lá gordas e brancas. Rastejando” (BRUM, 2011, *online*). Além disso, é plausível que coloquemos na configuração do lirismo nessa crônica o fator metonímico expresso porque parte de si (corpo) se torna o todo do texto (escrita), e vice-versa. Em relação à primeira crônica, podemos estabelecer um contraponto na escrita com função desencadeadora de conhecimento do eu-lírico, enquanto que na segunda crônica é algo que a consome. Ao final da crônica, a imagem do sonho retorna revelando o desejo desse eu-lírico de subverter o domínio sobre a escrita, pois:

Se perder a mim, sua máscara, retorcida pelo pavor de si, ele não terá como enviar seus exércitos de vermes-palavras para fora. Então brincamos de esconde-esconde. E nunca nos achamos. E eu sonho. Desde pequena eu sonho. Que um dia vão descobrir e me amputarão as mãos. Então nós dois morreremos de infecção, explodindo de palavras que nos comerão a ambos, nutrindo-se de nós (BRUM, 2011, *online*).

Assim, conseguimos aproximar essa metáfora com um dos símbolos do sonho, considerando o que Chevalier propõe: “profundamente alojado na intimidade da consciência que se subtrai a seu próprio criador, o sonho nos aparece como a expressão mais secreta e mais impudica de nós mesmos” (CHEVALIER, 2009, p. 848). Ao final da crônica, o instrumento de ação que possibilita a posse do eu seria extinguida, bem como a sua necessidade em escrever motivada pelo “rosto daquele que habita as entranhas de mim” (BRUM, 2011, *online*). Com isso, somada às metáforas, o eu-lírico declara o fim de sua angústia: “Então, nesta manhã eu fiz. Coloquei minhas duas mãos na guilhotina” (BRUM, 2011, *online*).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do levantamento teórico acerca do lirismo enquanto categoria e temática das crônicas, foi possível assimilarmos e agruparmos alguns elementos que compõem uma crônica



lírica. E, utilizando de duas crônicas contemporâneas escritas por uma jornalista brasileira de renome, propomos análises-interpretativas que tiveram como foco a subjetividade e a construção de metáforas. Esses aspectos possibilitaram aproximarmos essas crônicas de um contexto macro do tema em questão.

REFERÊNCIAS

- ARRIGUCCI JR., Davi. **Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. São Paulo: Ed. Francisco Alves, 1989.
- BRUM, Eliane. **Escrever um romance**. 2011. Disponível em: <<http://desacontecimentos.com/?p=175>>. Acesso em: 20 fev. 2019.
- BRUM, Eliane. **Possessão de mim**. 2011. Disponível em: <<http://desacontecimentos.com/?p=149>>. Acesso em: 20 fev. 2019.
- CANDIDO, Antonio. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. São Paulo: Fundação Casa Rui Barbosa; Unicamp, 1992.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos** (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). 24. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.
- COUTINHO, Afrânio. Ensaio e crônica. *In*: COUTINHO, Afrânio (Dir.); COUTINHO, Eduardo (Co-dir.). **A literatura no Brasil**. 3. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: Editora da UFF. v. 6.
- DEL PINO, Dino; MARTINS, Dileta Silveira; ZILBERKNOP, Libia Scliar. **Introdução didática à literatura brasileira**. Porto Alegre: Redacta, 1980.
- MOISÉS, Massaud. **A criação literária**. 10. Ed. São Paulo: Cultrix, 1982.
- PORTELLA, Eduardo. A cidade e a letra. *In*: _____. **Dimensões I**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1958.
- SÁ, Jorge de. **A Crônica**. São Paulo: Ática, 1987.

ⁱ Os dados citados foram retirados nas plataformas de buscas oficiais, sendo elas: <<http://www.periodicos.capes.gov.br/>> e <<http://bdtd.ibict.br/vufind/>>, ambas com acesso datado em 19 fev. 2019.

ⁱⁱ Essas informações podem ser confirmadas no site oficial da autora. Disponível em: <<http://elianebrum.com/biografia/>>. Acessado em: 14 jan. 2019.